

SUMÁRIO

LÍNGUA PORTUGUESA.....	9
→ ORTOGRAFIA - CASOS GERAIS E EMPREGO DAS LETRAS	9
→ ADJETIVO	10
→ CONJUGAÇÃO. RECONHECIMENTO E EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS VERBAIS.....	12
→ ADVÉRBIO	18
→ PREPOSIÇÃO.....	20
→ CONJUNÇÃO.....	21
→ SIGNIFICAÇÃO DE VOCÁBULO E EXPRESSÕES	31
→ FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO	35
→ ORAÇÕES COORDENADAS	36
→ PONTUAÇÃO (PONTO, VÍRGULA, TRAVESSÃO, ASPAS, PARÊNTESES ETC.)	36
→ REGÊNCIA NOMINAL E VERBAL (CASOS GERAIS).....	47
→ CRASE.....	52
→ CONCORDÂNCIA (VERBAL E NOMINAL).....	61
→ COERÊNCIA E COESÃO (ANÁFORA, CATÁFORA, USO DOS CONECTORES - PRONOMES RELATIVOS, CONJUNÇÕES ETC.)	65
→ INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS (COMPREENSÃO)	75
→ TIPOLOGIA E GÊNERO TEXTUAL.....	146
→ REESCRITA DE FRASES E SUBSTITUIÇÃO DE PALAVRAS OU TRECHOS DE TEXTO.....	155
NOÇÕES DE GESTÃO PÚBLICA E ÉTICA	171
→ EFICIÊNCIA, EFICÁCIA E EFETIVIDADE.....	171
→ GOVERNANÇA PÚBLICA.....	171
→ GESTÃO DE CONFLITOS.....	171
→ COMUNICAÇÃO NO PROCESSO DE GESTÃO	172
→ QUALIDADE NO ATENDIMENTO AO PÚBLICO	172
→ GESTÃO ESTRATÉGICA DE PESSOAS E PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DE PESSOAS	173
→ CLASSIFICAÇÃO DOS AGENTES PÚBLICOS	173
→ FUNÇÕES, CARGOS E EMPREGOS PÚBLICOS.....	174
→ CONCURSO PÚBLICO	174
→ ACESSIBILIDADE AOS CARGOS E EMPREGOS PÚBLICOS	174
→ ACUMULAÇÃO DE CARGOS E EMPREGOS PÚBLICOS E FUNÇÕES	174

→ ESTABILIDADE E ESTÁGIO PROBATÓRIO	175
→ DIREITOS SOCIAIS DOS SERVIDORES PÚBLICOS (ART. 7º DA CF)	176
→ REMUNERAÇÃO (COMPONENTES, SUBSÍDIO, TETO, EQUIPRAÇÃO, VINCULAÇÃO, IRREDUTIBILIDADE ETC.)	176
→ REGIME PREVIDENCIÁRIO (APOSENTADORIA, PENSÃO, RPPS)	176
→ INTERVENÇÃO FEDERAL E ESTADUAL (ARTS. 34 A 36 DA CF, DE 1988)	176
→ DISPOSIÇÕES GERAIS (ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA - ARTS. 37 E 38 DA CF, DE 1988)	177
→ DOS SERVIDORES PÚBLICOS (ARTS. 39 A 41 DA CF, DE 1988)	180
→ ÉTICA, MORAL, PRINCÍPIOS E VALORES	181
→ ÉTICA, DEMOCRACIA E CIDADANIA	181
→ ÉTICA NO SETOR PÚBLICO E FUNÇÃO PÚBLICA	182

DIREITO CONSTITUCIONAL 183

→ APLICAÇÃO DAS NORMAS CONSTITUCIONAIS NO TEMPO (RECEPÇÃO, REPRISTINAÇÃO, DESCONSTITUCIONALIZAÇÃO)	183
→ DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA CONSTITUIÇÃO (ARTS. 1º A 4º DA CF, DE 1988)	183
→ DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS (ART. 5º DA CF, DE 1988)	184
→ DIREITOS SOCIAIS E DOS TRABALHADORES (ARTS. 6º E 7º)	189
→ DIREITOS COLETIVOS DOS TRABALHADORES (ARTS. 8º A 11 DA CF, DE 1988)	189
→ ESPÉCIES DE NACIONALIDADE (BRASILEIROS NATOS E NATURALIZADOS)	189
→ DISTINÇÕES CONSTITUCIONAIS ENTRE BRASILEIROS NATOS E NATURALIZADOS	190
→ EXTRADIÇÃO, DEPORTAÇÃO, EXPULSÃO E BANIMENTO (DA NACIONALIDADE)	190
→ SOBERANIA POPULAR (VOTO, PLEBISCITO, REFERENDO, INICIATIVA POPULAR), ALISTAMENTO E ELEGIBILIDADE	190
→ INELEGIBILIDADES (DIREITOS POLÍTICOS)	192
→ PERDA E SUSPENSÃO DOS DIREITOS POLÍTICOS	192
→ PARTIDOS POLÍTICOS (ART. 17 DA CF, DE 1988)	192
→ DA ORGANIZAÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA (ARTS. 18 E 19 DA CF, DE 1988)	192
→ UNIÃO: BENS E COMPETÊNCIAS EXCLUSIVAS, PRIVATIVAS, COMUNS E CONCORRENTES (ARTS. 20 A 24 DA CF, DE 1988)	193
→ ESTADOS FEDERADOS - ORGANIZAÇÃO, COMPETÊNCIAS, BENS (ARTS. 25 A 28 DA CF, DE 1988)	194
→ MUNICÍPIOS - ORGANIZAÇÃO E COMPETÊNCIAS (ARTS. 29 A 31 DA CF, DE 1988)	194
→ DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS (ARTS. 32 E 33 DA CF, DE 1988)	195
→ ÓRGÃOS DO PODER JUDICIÁRIO (ART. 92 DA CF, DE 1988)	195
→ DO ESTATUTO DA MAGISTRATURA (ART. 93 DA CF, DE 1988)	195
→ DAS GARANTIAS E VEDAÇÕES (PODER JUDICIÁRIO, ART. 95 DA CF, DE 1988)	196
→ DOS PRECATÓRIOS (ART. 100 DA CF, DE 1988)	196
→ DO CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA - CNJ (ART. 103-B DA CF, DE 1988)	197
→ FUNÇÕES INSTITUCIONAIS (MINISTÉRIO PÚBLICO)	197
→ DOS SERVIDORES PÚBLICOS (ARTS. 20 A 39 DA CEMG)	198
→ DA REGIONALIZAÇÃO (ARTS. 41 A 51 DA CEMG)	198
→ DO PODER EXECUTIVO (ARTS. 83 A 95 DA CEMG)	198

→ DO PODER JUDICIÁRIO (ARTS. 96 A 118 DA CEMG).....	198
→ DO MUNICÍPIO (ARTS. 165 A 184 DA CEMG).....	199
DIREITO ADMINISTRATIVO	201
→ ORIGEM, CONCEITO E FONTES DO DIREITO ADMINISTRATIVO.....	201
→ REGIME JURÍDICO DA ADMINISTRAÇÃO E REGIME JURÍDICO ADMINISTRATIVO.....	201
→ PRINCÍPIOS EXPRESSOS, EXPLÍCITOS OU CONSTITUCIONAIS	202
→ PRINCÍPIOS IMPLÍCITOS, RECONHECIDOS E INFRACONSTITUCIONAIS	204
→ CONCEITO DE ATOS ADMINISTRATIVOS.....	205
→ ELEMENTOS, REQUISITOS E PRESSUPOSTOS (ATOS ADMINISTRATIVOS).....	206
→ ATRIBUTOS OU CARACTERÍSTICAS DOS ATOS ADMINISTRATIVOS	206
→ ATOS ADMINISTRATIVOS: ESPÉCIES, CLASSIFICAÇÃO, FASES DE CONSTITUIÇÃO	207
→ DESFAZIMENTO DO ATO ADMINISTRATIVO (ANULAÇÃO, REVOGAÇÃO, CASSAÇÃO, CADUCIDADE, CONTRAPOSIÇÃO).....	208
→ CONVALIDAÇÃO E CONVERSÃO DOS ATOS ADMINISTRATIVOS	209
→ TEORIA DOS MOTIVOS DETERMINANTES.....	209
→ PODER VINCULADO E DISCRICIONÁRIO	209
→ PODER REGULAMENTAR.....	209
→ PODER HIERÁRQUICO	209
→ PODER DISCIPLINAR	210
→ PODER DE POLÍCIA.....	210
→ ABUSO DE PODER: EXCESSO DE PODER E DESVIO DE FINALIDADE (PODERES DA ADMINISTRAÇÃO).....	211
→ ADMINISTRAÇÃO DIRETA (ÓRGÃOS PÚBLICOS)	212
→ ADMINISTRAÇÃO INDIRETA.....	212
→ SUJEITOS ATIVO E PASSIVO (ARTS. 1º AO 8º DA LEI Nº 8.429, DE 1992)	214
→ DOS ATOS DE IMPROBIDADE (ARTS. 9º AO 11 DA LEI Nº 8.429, DE 1992)	214
→ DAS PENAS (ART. 12 DA LEI Nº 8.429, DE 1992).....	214
→ DO PROCESSO ADMINISTRATIVO E JUDICIAL (ARTS. 14 A 18 DA LEI Nº 8.429, DE 1992).....	214
→ VIGÊNCIA DAS LEIS (ART. 1º - PUBLICAÇÃO, VIGOR, VIGÊNCIA, VACATIO LEGIS, CONTAGEM, CORREÇÕES).....	215
→ OBRIGATORIEDADE, APLICAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E INTEGRAÇÃO DAS LEIS (ART. 3º A 5º).....	215
→ EFICÁCIA DAS LEIS NO ESPAÇO (ART. 7º A 19 - NORMAS DE DIREITO INTERNACIONAL PRIVADO).....	215

LÍNGUA PORTUGUESA

→ ORTOGRAFIA - CASOS GERAIS E EMPREGO DAS LETRAS

1. (CONSULPLAN – 2018)

Capítulo LXVIII / O Vergalho

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: — “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

Meu senhor! gemia o outro.

Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, — o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

É, sim, nonhõ.

Fez-te alguma cousa?

É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

Pois não, nonhõ. Nonhõ manda, não pede. Entra para casa, bêbado!

(Machado de Assis. Memórias póstumas de Brás Cubas. São Paulo, Ática, 1990. p. 83.)

Nas palavras “praça” e “bênção” emprega-se o cedilha para indicar o som do fonema /s/. Tal notação foi usada corretamente em todas as palavras do grupo:

- punção, louça, ascenção.
- açafrão, distenção, paçoca.
- estação, miçanga, sentença.
- excanção, calabouço, precaução.

2. (CONSULPLAN – 2017) Considerando as chamadas cacografias mais frequentes, assinale a alternativa em que as palavras estão escritas corretamente.

- Amizade, jeito, identidade, próprio, perturbação, designar, reinterar.
- Amizade, jeito, indentidade, próprio, perturbação, designar, reinterar.
- Amizade, jeito, identidade, próprio, pertubação, desiguinar, reinterar.
- Amisade, geito, indentidade, próprio, pertubação, desiguinar, reinterar.

3. (CONSULPLAN – 2017)

Dependência química: neurobiologia das drogas

As drogas causadoras de dependência ativam o sistema de recompensa existente no cérebro.

Lícitas ou não, todas provocam aumento rápido na liberação de dopamina, neurotransmissor envolvido nas sensações de prazer. O prazer intenso dá origem ao aprendizado associativo (droga-prazer-droga), que constitui a base do condicionamento.

Com a repetição da experiência, os neurônios que liberam dopamina já começam a entrar em atividade ao reconhecer os estímulos ambientais e psicológicos vividos nos momentos que antecedem o uso da substância, fenômeno conhecido popularmente como fissura.

É por esse mecanismo que voltar aos locais em que a droga foi consumida, a presença de pessoas sob o efeito dela e o estado mental que predispõe ao uso pressionam o usuário para repetir a dose.

O condicionamento que leva à busca da droga fica tão enraizado nos circuitos cerebrais, que pode causar surtos de fissura depois de longos períodos de abstinência. A pessoa deixa de ser usuária, mas a dependência persiste.

As recompensas naturais – como aquelas obtidas com alimentos saborosos e o sexo – também estão ligadas à dopamina, mas, nesses casos, a liberação é interrompida pela saciedade. As drogas psicoativas, ao contrário, armam curtos-circuitos que bloqueiam a saciedade natural e mantêm picos elevados de dopamina até esgotar sua produção.

Por essa razão, comportamentos compulsivos por recompensas, como comida e sexo, são mais raros do que aqueles associados ao álcool, nicotina ou cocaína.

O condicionamento empobrece os pequenos prazeres cotidianos: encontrar um amigo, uma criança, a beleza da paisagem. No usuário crônico, os sistemas de recompensa e motivação são reorientados para os picos de dopamina provocados pela droga e seus gatilhos antecipatórios.

Com o tempo, a repetição do uso torna os neurônios do sistema de recompensa cada vez mais insensíveis à ação farmacológica da droga, fenômeno conhecido como tolerância.

A tolerância reduz o grau de euforia experimentado no passado, aprofunda a apatia motivacional na vida diária e leva ao aumento progressivo das doses e às mortes por overdose.

É por causa da tolerância que todo “maconheiro velho” se queixa da qualidade da maconha atual.

Como parte desse mecanismo, os neurônios que formam o sistema antirrecompensa ficam hiper-reativos. A sensação de prazer, agora mais fugaz e menos intensa, vem seguida de uma fase disfórica, que se instala no espírito do dependente, assim que o efeito da droga se dissipa. A pessoa deixa de buscá-la simplesmente pelo prazer do efeito, mas para fugir da apatia e depressão que a atormentam, quando ele se esvai.

O desarranjo das sinapses dos neurônios pré-frontais enfraquece a resistência aos apelos da droga, mesmo quando a intenção de abandoná-la é verdadeira.

As alterações dos circuitos pré-frontais, ao lado das que acontecem na circuitaria responsável pelas sensações de prazer, recompensa e respostas emocionais, tecem o substrato para a instalação gradual do comportamento compulsivo, descontrolado, que compromete a motivação para enfrentar a abstinência, mesmo diante de consequências pessoais catastróficas.

Da mesma forma que nem todos correm igual risco de desenvolver diabetes ou doença cardiovascular, apenas uma minoria dos que usam drogas psicoativas se torna dependente. A suscetibilidade é atribuída à genética e à diferença na vulnerabilidade.

Fatores que aumentam o risco incluem história familiar (hereditariedade e criação), exposição em idade precoce (adolescência é o período mais vulnerável), características do meio (ambientes estressantes, violência doméstica, desorganização familiar, convívio com usuários) e transtornos psiquiátricos (depressão, psicoses, ansiedade).

Os estudos mostram que cerca de 10% das pessoas expostas às drogas psicoativas se tornarão dependentes. No caso da nicotina, esse número é cinco a seis vezes maior.

Drauzio Varella. Publicado em: 09/08/2016. Disponível em: <https://drauziovarella.com.br/drauzio/artigos/dependencia-quimicaneurobiologiadas-drogas/>. Acesso em: 30 nov. 2016. Adaptado.

Assinale a afirmativa que apresenta **ERRO** de grafia.

- A maconha é uma das drogas mais populares.
- As pessoas usam drogas porque querem mudar algo nas suas vidas.
- As drogas podem ser administradas oralmente, aspiradas pelo nariz ou inaladas até os pulmões.
- Droga é toda e qualquer substância, natural ou sintética que, uma vez introduzida no organismo, modifica suas funções.

4. (CONSULPLAN – 2016) Texto I para responder à questão.

Ódio ao Semelhante – Sobre a Militância de Tribunal

Ninguém pode negar o conflito como parte fundamental do fenômeno político. Só existe política porque existem diferenças, discordâncias, visões de mundo que se distanciam, ideologias, lutas por direitos, por hegemonia. Isso quer dizer que no cerne do fenômeno político está a democracia como um desejo de participação que implica as tensões próprias à diferença que busca um lugar no contexto social. [...]

Esse texto não tem por finalidade tratar da importância do conflito ou da crítica, mas analisar um fenômeno que surgiu, e se potencializou, na era das redes sociais: a “militância de tribunal”. Essa prática é apresentada como manifestação de ativismo político, mas se reduz ao ato de proferir julgamentos, todos de natureza condenatória, contra seus adversários e, muitas vezes, em desfavor dos próprios parceiros de projeto político. São típicos julgamentos de excessão, nos quais a figura do acusador e do julgador se confundem, não existe uma acusação bem delimitada, nem a oportunidade do acusado se defender. Nesses julgamentos, que muito revela do “militante de tribunal”, os eventuais erros do “acusado”, por um lado, são potencializados, sem qualquer compromisso com a facticidade; por outro, perdem importância para a hipótese previamente formulada pelo acusador-julgador, a partir de preconceitos, perversões, ressentimentos, inveja e, sobretudo, ódio.

Ódio direcionado ao inimigo, aquele com o qual o “acusador-julgador” não se identifica e, por essa razão, nega a possibilidade de dialogar e, o que tem se tornado cada vez mais frequente, o ódio relacionado ao próximo, aquele que é, ou deveria ser, um aliado nas trincheiras políticas.

Ódio que nasce daquilo que Freud chamou de “narcisismo das pequenas diferenças”. Ódio ao semelhante, aquele que admiramos, do qual somos “parceiros”, ao qual, contudo, dedicamos nosso ódio sempre que ele não faz exatamente aquilo que deveria – ou o que nós acreditamos que deveria – fazer.

Exemplos não faltam. Pense-se na militante feminista que gasta mais tempo a “condenar” outras mulheres, a julgar outros “feminismos”, do que no enfrentamento concreto à dominação masculina. A Internet está cheia de exemplos de especialistas em julgamento e condenação. A caça por sucesso naquilo que imaginam ser o “clubinho das feministas” (por muitas que se dizem feministas enquanto realizam o feminismo como uma mera moral) tem algo da antiga caça às bruxas que regozija até hoje o machismo estrutural. Nunca se verá a “militante de tribunal feminista” em atitude isenta elogiando a postura correta, mas sempre espetacularizando a postura “errada” daquela que deseja condenar. Muitas constroem seus nomes virtuais, seu capital político, aquilo que imaginam ser um verdadeiro protagonismo feminista, no meio dessas pequenas guerras e linchamentos virtuais nas quais se consideram vencedoras pela gritaria. Há, infelizmente, feministas que se perdem, esvaziam o feminismo e servem de espetáculo àqueles que adoram odiar o feminismo. [...] Apoio mesmo, concreto, às grandes lutas do feminismo, isso não, pois não é tão fácil nem deve dar tanto prazer quanto a condenação no tribunal virtual montado em sua própria casa. [...]

Marcia Tiburi e Rubens Casara. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2016/01/odio-ao-semelhante-sobre-a-militanciadetriboanal/>. Publicado dia: 10/01/2016. Adaptado.

No texto, há três vocábulos que foram grafados, propositadamente, com alguma **INCORREÇÃO**. São eles:

- Regozija / isenta / ativismo.
- Hegemonia / cerne / hipótese.
- Tenções / excessão / adversários.
- Facticidade / perversões / ressentimentos.

→ ADJETIVO

5. (CONSULPLAN – 2017)

História de bem-te-vi

Com estas florestas de arranha-céus que vão crescendo, muita gente pensa que passarinho é coisa de jardim zoológico; e outras até acham que seja apenas antiguidade de museu. Certamente chegaremos lá; mas por enquanto ainda existem bairros afortunados onde haja uma casa, casa que tenha um quintal, quintal que tenha uma árvore. Bom será que essa árvore seja a mangueira. Pois nesse vasto palácio verde podem morar muitos passarinhos.

Os velhos cronistas desta terra encantaram-se com canin-dés e araras, tuins e sabiás, maracanãs e “querejuás todos azuis de cor finíssima...”. Nós esquecemos tudo: quando um poeta fala num pássaro, o leitor pensa que é leitura... Mas há um passarinho chamado bem-te-vi. Creio que ele está para acabar.

E é pena, pois com esse nome que tem – e que é a sua própria voz – devia estar em todas as repartições e outros lugares, numa elegante gaiola, para no momento oportuno anunciar a sua presença. Seria um sobressalto providencial e sob forma tão inocente e agradável que ninguém se aborreceria.

O que leva a crer no desaparecimento do bem-te-vi são as mudanças que começo a observar na sua voz. O ano passado, aqui nas mangueiras dos meus simpáticos vizinhos, apareceu um bem-te-vi caprichoso, muito moderno, que se recusava a articular as três sílabas tradicionais do seu nome, limitando-se a gritar: “...te-vi! ...te-vi”, com a maior irreverência gramatical. Como dizem que as últimas gerações andam muito rebeldes e novidadeiras, achei natural que também os passarinhos estivessem contagiados pelo novo estilo humano.

Logo a seguir, o mesmo passarinho, ou seu filho ou seu irmão – como posso saber, com a folhagem cerrada da mangueira? – animou-se a uma audácia maior. Não quis saber das duas sílabas, e começou a gritar apenas daqui, dali, invisível e brincalhão: “...vi! ...vi!...” o que me pareceu divertido, nesta era do *twist*.

O tempo passou, o bem-te-vi deve ter viajado, talvez seja cosmonauta, talvez tenha voado com o seu team de futebol – que se não há de pensar de bem-te-vis assim progressistas, que rompem com o canto da família e mudam o leme dos seus braços? Talvez tenha sido atacado por esses crioulos fortes que agora saem do mato de repente e disparam sem razão nenhuma no primeiro indivíduo que encontram.

Mas hoje ouvi um bem-te-vi cantar. E cantava assim: “Bem-bem-bem...te -vi!” Pensei: “É uma nova escola poética que se eleva da mangueira!...” Depois, o passarinho mudou. E fez: “Bem-te-te-te...vi!” Tornei a refletir: “Deve estar estudando a sua cartilha... Estará soletrando...” E o passarinho: “Bem-bem-bem...te-te-te... vi-vi-vi!”

Os ornitólogos devem saber se isso é caso comum ou raro. Eu jamais tinha ouvido uma coisa assim! Mas as crianças, que sabem mais do que eu, e vão diretas aos assuntos, ouviram, pensaram e disseram: “Que engraçado! Um bem-te-vi gago!”

(É: talvez não seja mesmo exotismo, mas apenas gagueira...)

(MEIRELES, C. 1901-1964 – Escolha o seu sonho: (crônicas) – 26ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2005.)

Das frases a seguir, apenas uma apresenta adjetivo no superlativo absoluto sintético. Assinale-a.

- O bem-te-vi é tão grande quanto o sabiá.
- O bem-te-vi é o maior pássaro dessa mangueira.
- “... querejuás todos azuis de cor finíssima...”
- “... andam muito rebeldes e novidadeiras...”

6. (CONSULPLAN – 2016) Texto I para responder à questão.

Tempos loucos – Parte 2

Os adultos que educam hoje vivem na cultura que incentiva ao extremo o consumo. Somos levados a consumir de tudo um pouco: além de coisas materiais, consumimos informações, ideias, estilos de ser e de viver, conceitos que interferem na vida (qualidade de vida, por exemplo), o sexo, músicas, moda, culturas variadas, aparência do corpo, a obrigatoriedade de ser feliz etc. Até a educação escolar virou item de consumo agora. A ordem é consumir, e obedecemos muitas vezes cegamente a esse imperativo.

Quem viveu sem usar telefone celular por muito tempo não sabe mais como seria a vida sem essa inovação tecnológica, por exemplo. O problema é que a oferta cria a demanda em sociedades consumistas, que é o caso atual, e os produtos e as ideias que o mercado oferece passam a ser considerados absolutamente necessários a partir de então.

A questão é que temos tido comportamento exemplar de consumistas, boa parte das vezes sem crítica alguma. Não sabemos mais o que é ter uma vida simples porque almejamos ter mais, por isso trabalhamos mais etc. Vejam que a ideia de lazer, hoje, faz todo sentido para quase todos nós. Já a ideia do ócio, não. Ou seja: para descansar de uma atividade, nos ocupamos com outra. A vadiagem e a preguiça são desvalorizadas.

Bem, é isso que temos ensinado aos mais novos, mais do que qualquer outra coisa. Quando uma criança de oito anos pede a seus pais um celular e ganha, ensinamos a consumir o que é oferecido; quando um filho pede para o pai levá-la ao *show* do RBD, e este leva mesmo se considera o espetáculo ruim, ensinamos a consumir, seja qual for a estética em questão; quando um jovem pede uma roupa de marca para ir a uma festa e os pais dão, ensinamos que o que consumimos é mais importante do que o que somos.

Não há problema em consumir; o problema passa a existir quando o consumo determina a vida. Isso é extremamente **perigoso**, principalmente quando os filhos chegam à adolescência. Há um mercado **generoso** de oferta de drogas. Ensinamos a consumir desde cedo e, nessa hora, queremos e esperamos que eles recusem essa oferta. Como?!

Na educação, essa nossa característica leva a consequências sutis, mas decisivas na formação dos mais novos. Como exemplo, podemos lembrar que estes aprendem a avaliar as pessoas pelo que elas aparentam poder consumir e não por aquilo que são e pelas ideias que têm e que o grupo social deles é formado por pares que consomem coisas semelhantes. Não é a toa que os pequenos furtos são um fenômeno presente em todas as escolas, sejam elas públicas ou privadas. Nessa ideologia consumista, é importante considerar que os objetos perdem sua primeira função. Um carro deixa de ser um veículo de transporte, um telefone celular deixa de ser um meio de comunicação; ambos passam a significar status, poder de consumo, condição social, entre outras coisas.

A educação tem o objetivo de formar pessoas autônomas e livres. Mas, sob essa cultura do consumo, esses dois conceitos se transformaram completamente e perderam o seu sentido original. Os jovens hoje acreditam que têm liberdade para escolher qualquer coisa, por exemplo. Na verdade, as escolhas que fazem estão, na maioria das vezes, determinadas pelo consumo e pela publicidade. Tempos loucos, ou não?

(SAYÃO, Rosely. Tempos loucos – Parte 2. Disponível em: http://blogdaroselysayao.blog.uol.com.br/arch2006-10-01_2006-10-15.html. Acesso em: dezembro de 2015.)

“No § 5º do texto lido, há dois vocábulos destacados. Em relação a tais termos, pode-se afirmar que são responsáveis por _____ e pertencem à classe de palavras de _____.” Assinale a alternativa que completa correta e sequencialmente a afirmativa anterior.

- julgamentos / adjetivos
- argumentos / advérbios
- exemplos / substantivos
- opiniões / locuções adverbiais
- informações / locuções conjuntivas

7. (CONSULPLAN – 2016) Leia o trecho a seguir, retirado de uma crônica de Rubem Braga e utilize-o para responder à questão.

O coronel, que então morava já na cidade, tinha um compadre sitiante que ele estimava muito. Quando um filho do compadre Zeferino ficava doente, ia para a casa do coronel, ficava morando ali até ficar bom, o coronel é que arranjava médico, remédio, tudo.

Quase todos os meses o compadre pobre mandava um caixote de ovos para o coronel. Seu sítio era retirado umas duas léguas de uma estaçãozinha da Leopoldina, e compadre Zeferino despachava o caixote de ovos de lá, frete a pagar. Sempre escrevia no caixote: CUIDADO É OVOS – e cada ovo era enrolado em sua palha de milho com todo cuidado para não se quebrar na viagem. Mas, que o quê: a maior parte quebrava com os solavancos do trem.

Os meninos filhos do coronel morriam de rir abrindo o caixote de presente do compadre Zeferino; a mulher dele abanava a cabeça como quem diz: qual... Os meninos, com as mãos lambuzadas de clara e gema, iam separando os ovos bons. O coronel, na cadeira de balanço, ficava sério; mas, reparando bem, a gente via que ele às vezes sorria das risadas dos meninos e das bobagens que eles diziam: por exemplo, um gritava para o outro – “cuidado, é ovos”!

Quando os meninos acabavam o serviço, o coronel perguntava:

Quantos salvaram?

Os meninos diziam. Então ele se voltava para a mulher: “Mulher, a quanto está a dúzia de ovos aqui no Cachoeiro?”

A mulher dizia. Então ele fazia um cálculo do frete que pagara, mais do carreto da estação até a casa e coçava a cabeça com um ar engraçado:

Até que os ovos do compadre Zeferino não estão me saindo muito caros desta vez. [...]

BRAGA, R. O Compadre Pobre. In. BRAGA, R. 200 crônicas escolhidas. Rio de Janeiro: Record, 2013. Fragmento.

A expressão do ponto de vista do narrador pode ser identificada através de alguns recursos, sendo um deles o da adjetivação. Tal fato pode ser identificado no fragmento transcrito em:

- “[...] compadre Zeferino despachava o caixote de ovos de lá, frete a pagar.”
- “[...] ficava morando ali até ficar bom, o coronel é que arranjava médico, remédio, tudo.”
- “Então ele se voltava para a mulher: ‘Mulher, a quanto está a dúzia de ovos aqui no Cachoeiro?’”
- “O coronel, na cadeira de balanço, ficava sério; mas, reparando bem, a gente via que ele às vezes sorria [...]”

→ CONJUGAÇÃO; RECONHECIMENTO E EMPREGO DOS MODOS E TEMPOS VERBAIS

8. (CONSULPLAN – 2022)

Eu, robô

A cada dia que passa, vou me sentindo mais e mais um robô. Mesmo sabendo que sou de carne e osso, a vida vai me transformando em um ser de alumínio, vidro, acrílico, fios, baterias.

O cérebro eletrônico comanda

Manda e desmanda

Mas ele não anda

Ontem mesmo, fui fazer alguns exames médicos e levei um susto. Acostumado a chegar no laboratório e encontrar, logo na entrada, uma simples maquininha de senha, o que encontrei foi um terminal de computadores que queria saber tudo de mim.

Fui digitando o número do RG, do CPF, o número enorme da carteirinha do convênio e respondendo perguntas: nome completo, conhecido como, data do nascimento, endereço, telefone fixo, celular. Quando terminei, a máquina pediu para que eu fotocopiasse a minha carteira de identidade, a carteirinha do meu plano de saúde e o pedido médico.

Só então apareceu uma mocinha, me deu bom dia e colocou no meu pulso uma pulseirinha com o meu nome, minha idade e um QR-Code tipo esta é a sua vida.

Na hora de tirar o meu sangue, por enquanto, foi um humano que tirou.

Criar meu web site

Fazer minha homepage

Com quantos gigabytes

Se faz uma jangada e um barco que veleje

Gosto de conversar com as pessoas, mas, ultimamente, tenho resolvido tudo sem precisar dar uma palavra sequer. Pago contas sem dar bom dia pra caixa do banco, peço pizza sem ter a quem pedir pra caprichar na calabresa, chamo um táxi sem dizer como vai pro motorista, solicito um técnico na minha casa pra consertar amáquina de lavar louça sem dar um pio.

Compro a peça que quebrou no Mercado Livre sem ver o vendedor, sem saber quem ele é, se homem ou mulher, branco ou preto, gordo ou magro.

Faço sacolão online sem ter o direito de dar uma apertadinha no caqui pra saber se não está maduro demais, sem poder escolher os limões de casca fina, ou saber se tem química no sucrilhos que escolhi.

Até mesmo com o meu jornaleiro do outro lado da rua não tenho mais falado. Ele que sonha ganhar na mega-sena toda semana, agora tem um pix e o pagamento feito com apenas poucos cliques no celular. Ele me passa o valor, eu transfiro e ele responde com um beleza!

No princípio, na verdade no final do século passado, eu estranhei um pouco essa tecnologia. Ainda insisti em ir ao banco pagar os boletos, acompanhar a barriga crescendo da caixa, ouvir reclamações da fila que não anda. Mas nunca mais fui, depois do aviso que li dependurado na parede: Não estamos mais recebendo contas deluz, de gás, de telefone.

Este mundo acabou. Passo o mês sem ver a cor do dinheiro vivo, sem fazer sinal na calçada para o taxista parar, sem pedir talão de cheque pelo telefone, sem esperar o carteiro passar e me entregar o boleto do cartão de crédito. O mundo virou virtual.

Estou aqui imaginando que, em breve, para você comprar meia dúzia de pãezinhos franceses, você vai ter de entrar no aplicativo da padaria, cadastrar, escolher uma senha, fazer o pedido e esperar o pãozinho chegar na sua casa.

Hoje cedo, acredite, passeando com o meu cachorro Canela, encontrei o jornaleiro vindo na calçada. Perguntei se tinha ido na loteca fazer a mega e ele me respondeu: Não! Agora eu faço o jogo pela Internet.

Alberto Villas. Carta Capital, 11/03/2022. Músicas citadas: Cérebro Eletrônico e Pela Internet, de Gilberto Gil. Adaptado.

O trecho a seguir exemplifica o formato de uma ata (fragmento), tipo de documento oficial. “Por fim, a Sra. Joaquina destaca a importância da prática da ética profissional, escrita, digo, regulamentada em documento oficial.

Sem mais, a reunião é encerrada pela Sra. Joaquina, após agradecimentos pela presença de todos(as). Eu, Joana Darc, lavro a presente Ata, que, após leitura e aprovação pelos membros, é publicada no site do Conselho Municipal de Educação / Prefeitura de Novo Amanhã. Novo Amanhã, 20 de março de dois mil e vinte e dois.”

A redação utilizada no exemplo anterior apresenta como incorreção:

- Modo verbal utilizado.
- Marcas de informalidade.
- Tempo verbal empregado.
- Marcas de imparcialidade.
- Emprego da expressão “digo”.

9. (CONSULPLAN – 2021)

Das vantagens de ser bobo

Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia.

O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem. Os espertos estão sempre tão atentos às espertezas alheias que se descontraem diante dos bobos, e estes os veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver. O bobo nunca parece ter tido vez.

Bobo não reclama. Em compensação, como exclama!

O bobo é sempre tão simpático que há espertos que se fazem passar por bobos. Ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil. Por isso é que os espertos não conseguem passar por bobos. Os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida. Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem.

É quase impossível evitar excesso de amor que o bobo provoca. É que só o bobo é capaz de excesso de amor. E só o amor faz o bobo.

Armazém de Texto. Crônica: Das vantagens de ser bobo. Clarice Lispector. Em: 14/08/2020. Com adaptações.

“E só o amor **faz** o bobo.” É possível afirmar que o termo destacado anteriormente expressa um fato:

- Atual.
- Incerto.
- Provável.
- Totalmente concluído.

10. (CONSULPLAN – 2018) Leia o texto para responder à questão a seguir.

Quão rara é a Terra?

Agora que temos a certeza de que existe um número enorme de planetas com características físicas semelhantes às da Terra, vale perguntar se eles têm, de fato, a chance de abrigar formas de vida e, se tiverem, que vida seria essa.

Antes, alguns números importantes. Os melhores dados com relação à existência de outros planetas vêm do satélite da NASA Kepler, que anda buscando planetas como a Terra mapeando 100 mil estrelas na nossa região cósmica.

Pelo desenho da missão, a identificação dos planetas usa um efeito chamado de trânsito: quando um planeta passa em frente à sua estrela (por exemplo, Vênus passando em frente ao Sol) o brilho da estrela é ligeiramente diminuído.

Marcando o tempo que demora para o planeta passar em frente à estrela, a diminuição do brilho e, se possível, o período da órbita (quando o planeta retorna ao seu ponto inicial), é possível determinar o tamanho e massa do planeta.

Com isso, a missão estima que cerca de 5,4% de planetas na nossa galáxia têm massa semelhante à da Terra e, possivelmente, estão na zona habitável, o que significa que a temperatura na sua superfície permite a existência de água líquida (se houver água lá). Como sabemos que o número de estrelas na nossa galáxia é em torno de 200 bilhões, a estimativa da missão Kepler implica que devem existir em torno de 10 bilhões de planetas com dimensões semelhantes às da Terra.

Nada mal, se supusermos que basta isso para que exista vida. Porém, a situação é bem mais complexa e depende das propriedades da vida e, em particular, da história geológica do planeta.

Aqui na Terra, a vida surgiu 3,5 bilhões de anos atrás. Porém, durante aproximadamente 3 bilhões de anos, a vida aqui era constituída essencialmente de seres unicelulares, pouco sofisticados. Digamos, um planeta de amebas.

Apenas quando a atmosfera da Terra foi “oxigenada”, e isso devido à “descoberta” da fotossíntese por essas bactérias (cianobactérias, na verdade), é que seres multicelulares surgiram.

Essa mudança também gerou algo de muito importante: quando o oxigênio atmosférico sofreu a ação da radiação solar é que se formou a camada de ozônio que acaba por proteger a superfície do planeta. Sem essa proteção, a vida complexa na superfície seria inviável.

Fora isso, a Terra tem uma lua pesada, o que estabiliza o seu eixo de rotação: a Terra é como um pião que está por cair, rodopiando em torno de si mesma numa inclinação de 23,5 graus.

Esta inclinação é a responsável pelas estações do ano e por manter o clima da Terra relativamente agradável. Sem nossa Lua, o eixo de rotação teria um movimento caótico e a temperatura variaria de forma aleatória.

Juntos a isso o campo magnético terrestre, que nos protege também da radiação solar e de outras formas de radiação letal que vêm do espaço, e o movimento das placas tectônicas, que funciona como um termostato terrestre e regula a circulação de gás carbônico na atmosfera, e vemos que são muitas as propriedades que fazem o nosso planeta especial.

Portanto, mesmo que existam outras “Terras” pela galáxia, defendo ainda a raridade do nosso planeta e da vida complexa que nele existe.

Marcelo Gleiser – Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/marcelogleiser/1172152-quoao-rara-e-a-terra.shtml>.

Analise a forma verbal destacada no trecho a seguir e assinale a alternativa que apresenta a classificação adequada de tal forma verbal: “Portanto, mesmo que **existam** outras ‘Terras’ pela galáxia, defendo ainda a raridade do nosso planeta e da vida complexa que nele existe.”

- Presente do indicativo.
- Presente do subjuntivo.
- Pretérito perfeito do indicativo.
- Pretérito imperfeito do subjuntivo.

11. (CONSULPLAN – 2018) A questão baseia no texto apresentado abaixo.

Por que Marte perdeu sua água e acabou não ficando parecido com a Terra?

Embora a superfície de Marte seja hoje árida e inóspita, há bilhões de anos provavelmente estava tão coberta de água quanto a Terra. O que provocou o desaparecimento deste recurso crucial para o desenvolvimento da vida?

Uma das teorias vigentes é de que a água sumiu do planeta vermelho quando ele perdeu o campo magnético que o protegia dos ventos solares.

No entanto, um estudo recente feito por cientistas da Universidade de Oxford, no Reino Unido, mostrou que a perda do campo magnético não permite explicar o desaparecimento de toda a água que existia no planeta.

O resto, segundo a pesquisa, foi absorvido pelas rochas de basalto, que podem reter em seu interior aproximadamente 25% mais água que as pedras do mesmo tipo na Terra, já que são ricas em óxido de ferro.

Este processo foi tão intenso que é estimado que a crosta do planeta tenha consumido um oceano de mais de 3 km de profundidade.

Processo irreversível

Os pesquisadores da Universidade de Oxford chegaram a essa conclusão após calcular quanta água era possível de eliminar da superfície do planeta pela interação do líquido com os minerais das rochas.

O cálculo incluiu também fatores como a temperatura das pedras e a pressão atmosférica. Os resultados mostram que as rochas levaram grande parte da água da superfície para o interior do planeta.

Depois de absorvida, a água não pode ressurgir, porque as rochas basálticas não funcionam exatamente como uma esponja: elas quebram as moléculas, absorvendo apenas o oxigênio, enquanto o hidrogênio se espalha pelo espaço.

Essas rochas então se afundaram no manto (camada logo abaixo da superfície, assim como na Terra, deixando o planeta seco, sem a possibilidade de abrigar vida.

Diferenças sutis, mas importantes

Por que a Terra não passou por um processo parecido?

Segundo os pesquisadores de um estudo publicado na última edição da revista Nature, “Marte é um planeta muito menor que a Terra, com um perfil de temperatura diferente e uma quantidade maior de ferro em seu manto”.

“São diferenças sutis, mas podem ter um efeito significativo, que aumenta com o tempo”, diz o paper.

Esses fatores permitiram que a superfície de Marte fosse mais reativa à água que a nossa, possibilitando a formação de minerais que absorveram água e se afundaram para o interior do manto.

Já na Terra, em seus primeiros anos de formação, as rochas hidratadas tendiam a flutuar até se desidratarem.

Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-42445360>.

Em “Este processo foi tão intenso que é estimado que a crosta do planeta **tenha consumido** um oceano de mais de 3 km de profundidade.” (§ 6º), a locução verbal destacada está no: